

SIMON SCARROW



CORAÇÕES
DE PEDRA

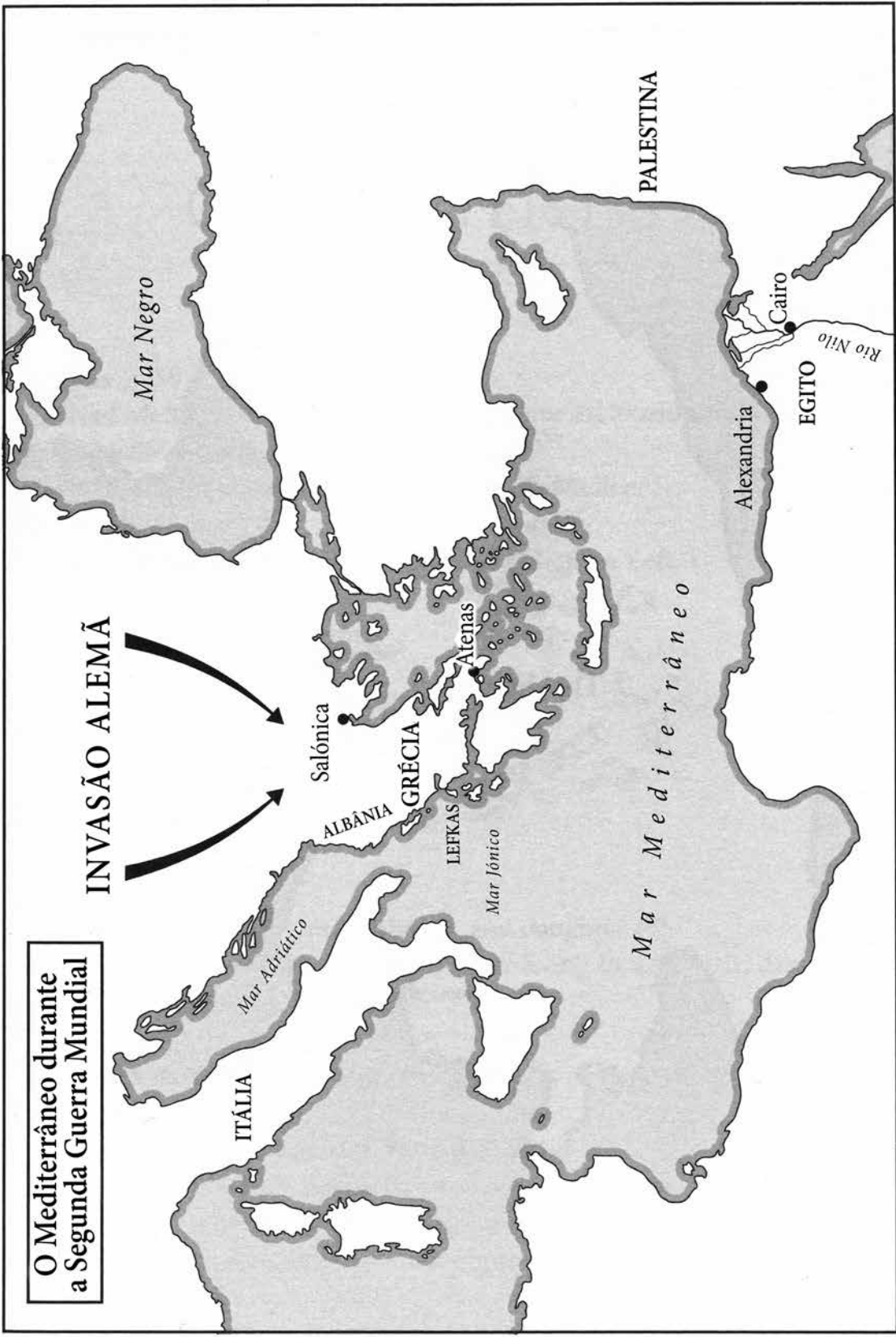
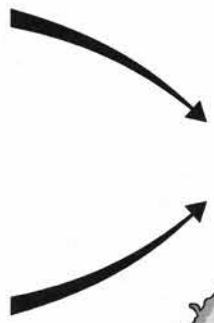
TRADUÇÃO DE RUI AZEREDO E SOFIA MOREIRAS



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

O Mediterrâneo durante a Segunda Guerra Mundial

INVASÃO ALEMÃ



A ilha grega de Lefkas

Mar Jónico

Lefkada

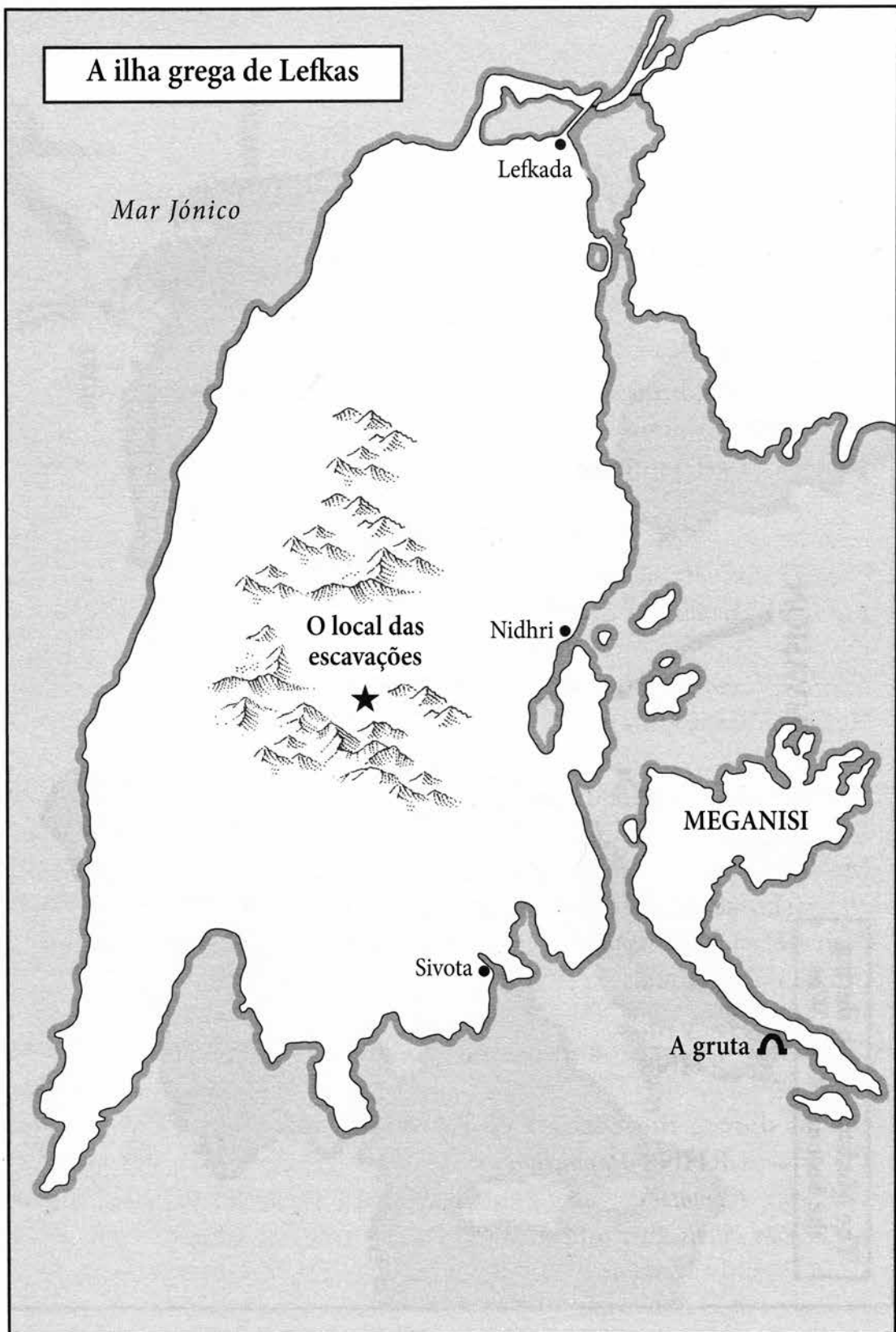
O local das
escavações

Nidhri

Sivota

MEGANISI

A gruta



L I S T A D E P E R S O N A G E N S

Lefkas, 1938

Dr. Karl Muller, responsável pela escavação levada a cabo em Lefkas pela Universidade de Berlim

Peter Muller, seu filho

Heinrich Steiner, assistente em pós-graduação do Dr. Muller

Inspetor Demetrious Thesskoudis, comandante da polícia de Lefkas

Rosa Thesskoudis, sua esposa

Eleni Thesskoudis, sua filha

Spyridon Katarides, poeta, residente em Lefkas

Andreas Katarides, seu filho

Yannis Stavakis, um pescador de Lefkas

Tempo Presente

Anna Thesskoudis, professora de História, filha de...

Marita Hardy-Thesskoudis, professora reformada, agora a viver em Norwich, filha de Eleni Thesskoudis

Dieter Muller, estudante de pós-graduação, e neto de Peter Muller

Lefkas durante a Segunda Guerra Mundial

A bordo do MRH *Papanikolis*

Capitão-Tenente Iatridis, capitão do *Papanikolis*

Primeiro-Tenente Pilotis, primeiro-oficial do *Papanikolis*

Primeiro-Maquinista Markinis

Sargento-de-Armas Stakiserou

Marinheiro Appellios

Marinheiro Papadakis

Cairo

Coronel Huntley, ao comando do Departamento de Operações Especiais no Cairo

Patrick Leigh Fermor, um oficial do Exército em vias de ser recrutado pelo DOE

William Moss, um oficial a receber treino do DOE

A Ocupação de Lefkas

Michaelis, *kapetan* de um grupo de combatentes da resistência *andarte*

Petros, *kapetan* de um outro grupo *andarte*

Tenente-Coronel Salminger, comandante da guarnição alemã em Lefkas

P R Ó L O G O

Lefkas, Setembro de 1938

O obturador soltou um clique, e Karl Muller baixou a câmara e sorriu aos três adolescentes, dois rapazes e uma rapariga, sentados no banco. Tossicou e disse-lhes, em grego:

— Já está. Acabámos.

Enquanto guardava a *Leica* no estojo de couro, os três adolescentes levantaram-se e aproximaram-se da mesa onde tinham sido colocadas as mais recentes descobertas da escavação arqueológica. Um estudante de Berlim era o único assistente que Muller ainda tinha a trabalhar consigo, os outros tendo já feito as malas e regressado a casa depois da convocatória do diretor do departamento na universidade. Não só aquela expedição, mas também as duas outras nas Ilhas Jónicas e, tanto quanto Muller sabia, todas as equipas arqueológicas espalhadas pelo Mediterrâneo, tinham recebido ordens para abandonar os trabalhos e regressar a casa. Tudo graças à cada vez mais deteriorada situação internacional. Muller adiara tanto quanto lhe fora possível, mas finalmente cedera após ter recebido um telegrama de Berlim a ordenar-lhe que fizesse o que lhe tinham dito, ou arcasse com as consequências.

Ao lembrar-se do telegrama, olhou ansioso para o filho. Peter era alto para um jovem de apenas dezasseis anos, e podia passar facilmente por alguém uns anos mais velho. Ainda não desenvolvera musculatura sobre a estrutura esguia e, por isso, tinha um aspeto algo frágil. E os óculos que

usava apenas pareciam reforçar essa ideia. Muller soltou um curto suspiro. O filho era tudo o que tinha no mundo, após a morte da sua esposa uns anos antes. E temia pelo rapaz. Peter estava a olhar fascinado para as últimas descobertas reveladas na escavação. Num mundo melhor, seria livre para seguir os ditames do seu coração e o interesse do pai pela arqueologia. Mas o mundo era como era, dominado pelos credos frios e implacáveis dos seus poderosos governantes e respetivos sicários. Ameaçavam com guerra e, se lograssem os seus intentos, Peter seria arrastado para tão perigoso abraço. Muller tinha prestado serviço na Frente Ocidental no primeiro grande conflito desse século, e não conseguia esquecer os seus horrores. Rezava para que o seu rapaz, e milhões de outros, não tivesse de partilhar o mesmo destino da geração anterior.

A rapariga tinha-se aproximado timidamente dele e olhava para Muller enquanto este arrumava a câmara. Voltou-se para ela com um sorriso cálido. — Que posso fazer por ti, Eleni?

— *Herr Doktor* Muller — dirigiu-se-lhe pelo seu título alemão antes de prosseguir, hesitante, no alemão que Peter lhe tinha ensinado. — A fotografia que tirou. Seria possível... Posso ficar com uma cópia para mim?

Ele anuiu. — Claro. Vou encarregar-me disso logo que regresse a Lefkada e revele o negativo.

Eleni Thesskoudis exibiu um sorriso luminoso, os dentes brancos a contrastar com o tom moreno da pele e com o cabelo escuro que emoldurava o rosto oval, de olhos muito castanhos. Uma rapariga bem bonita, pensou para consigo. Não admirava que Peter se tivesse sentido atraído por ela. Era manifesto que o rapaz estava embeaçado, ainda que se recusasse a admitir tal facto perante o pai, negando daquela forma tão veemente e embaraçada típica dos adolescentes.

— Obrigada, Dr. Muller. É muito amável.

— E tu sabes como encantar os homens, para que te façam as vontades, eh? — provocou. Ela presenteou-o com um sorriso tímido e fez que não com a cabeça, antes de voltar costas e se reunir com os amigos que estavam debruçados sobre a mesa mais próxima. Peter estava a indicar um fragmento de cerâmica, ainda com a delicada pega recurva, e explicava uns quaisquer detalhes a Andreas, com o sol a refletir-se-lhe nos óculos sempre que levantava a cabeça para olhar para o rapaz grego. Muller voltou a atenção para o estudante sentado à mesa logo a seguir e pigarreou.

— Heinrich!

O estudante olhou em volta, o cabelo castanho cuidadosamente

penteados. A camisa e os calções de Heinrich Steiner estavam manchados de suor e pó, mas Muller sabia que, logo que regressasse a Lefkada, ia livrar-se deles e vestir a sua habitual e primorosa combinação de calças de flanela e camisa branca, com aquele malfadado alfinete do partido no peito. Muller aproximou-se dele, e deteve-se à sua frente, com a mesa entre ambos.

— Já acabou de catalogar os achados de hoje?

— Quase, *Herr Doktor*. Mais duas entradas e terei tudo terminado.

— Ótimo. Depois de guardar as peças, pode regressar à *villa*. Quando vir o capataz, diga-lhe que quero tudo embalado logo pela manhã. Os achados têm de ir para o armazém em Lefkada. O mesmo no que toca ao nosso equipamento.

O estudante arqueou uma sobrancelha. — Vamos deixar tudo para trás?

— Que mais podemos fazer? — Muller encolheu os ombros. — A universidade quer que voltemos de imediato. Quando regressar a Berlim, vou ter de procurar uma forma de despachar os nossos achados.

O estudante anuiu, e voltou a atenção para o bloco de notas, continuando a preencher todos os detalhes dos objetos ainda diante dele. Muller regressou para junto dos adolescentes.

— Vocês os três podem ir com o Heinrich. Ele leva-vos até Lefkada. Eu sigo depois no carro.

— Vais ficar aqui? — perguntou Peter com um franzir de sobrolho. — Mas o pai do Andreas convidou-nos a todos para jantar hoje à noite.

— Eu chego a tempo. Não quero desiludir o Sr. Katarides. Mas ainda tenho algumas coisas a resolver antes de abandonar a escavação. — Franzziu os lábios e correu o olhar pelo pequeno vale, rodeado de colinas íngremes. — Antes de partir pela última vez.

— Hás de cá voltar, pai. Depois de a confusão ter passado.

Muller deu-lhe uma palmadinha nas costas. — Sim, claro que sim, e tu também. Se quiseres.

Peter sorriu. — Experimenta impedir-me! Aliás, ia sentir demasiado a falta dos meus amigos. — Indicou o rapaz e a rapariga, antes de passar a falar em grego. — O meu pai diz que havemos de regressar. Quando o mundo tiver recuperado o juízo.

— Ótimo! — Andreas exibiu um dos seus raros sorrisos, e depois franziu momentaneamente o sobrolho quando a rapariga apertou afetuosamente o braço do jovem alemão. — Vamos estar à tua espera. — Prosseguiu,

num tom de voz rico em ironia: — Sem dúvida a morrer de tédio, sem termos quem nos explique a nossa própria história com tão fascinantes e intermináveis pormenores.

Peter abanou a cabeça, tristemente. — Sou um homem civilizado no meio de filisteus...

— Chega de brincadeiras, jovens desmiolados! — interrompeu Muller quando o seu assistente terminou o catálogo, fechou o bloco com um estalo e se levantou do banco. — Vão com o Heinrich. Já.

A impaciência era perceptível na sua voz e Peter e os amigos afastaram-se das mesas e dirigiram-se ao carreiro que conduzia ao exterior do vale e ao acampamento onde se alojavam os membros da expedição quando não estavam na casa que a universidade tinha arrendado em Lefkada. As tendas, catres e fogões iriam juntar-se ao equipamento que devia ficar armazenado até ao regresso dos arqueólogos. Muller ficou a olhar para eles até estarem fora de vista, e depois aguardou ainda mais uns minutos até ouvir o motor do camião começar a funcionar. A embraiagem arranhou, o rugido do motor subiu de tom à medida que Heinrich pisava o acelerador e o veículo afastou-se pelo carreiro irregular em ruidosos solavancos.

Quando finalmente o camião deixou de se ouvir, e reinava o silêncio, Muller correu os olhos pelo pequeno vale. Não havia qualquer movimento. Não havia sinais de vida. Por fim mexeu-se, contornando com determinação a escavação principal, com as suas cavilhas e fios esticados a delimitar cada uma das áreas de trabalho. Meio metro abaixo da superfície era visível uma secção das fundações da grande estrutura que tinham descoberto e que, ao longo dos últimos dois anos, tinham vindo a expor com grande esforço. E agora ia ser abandonada, condenada a retornar à Natureza se as grandes potências europeias decidissem atirar-se novamente umas às outras.

Muller deixou o campo principal e avançou por entre os arbustos e os mirrados carvalhos mediterrânicos até um penhasco próximo. Emergindo da escassa fiada de árvores, deteve-se a olhar em volta, à escuta, até se certificar de que estava completamente só. Uma vez satisfeito, forçou a passagem através das giestas e começou a trepar um trilho estreito que subia ao longo do penhasco. A subida não era difícil, pois havia inúmeras protuberâncias onde apoiar pés e mãos. Cinco metros acima, encontrou a saliência que subia com um gradiente suave até um dedo rochoso que se projetava orgulhoso da face do penhasco. A menos que uma pessoa se encontrasse próxima, a rocha parecia fazer parte do penhasco. Na verdade, fora apenas

na semana anterior que Muller se aventurara a subir o penhasco, à procura de um ângulo propício de onde tirar uma fotografia de toda a escavação. Fora nessa altura que se apercebera da peculiaridade geológica e decidira trepar um pouco mais para investigar.

Com a respiração alterada pelo esforço, Muller deslocou-se cuidadosamente, arrastando os pés ao longo da saliência, até encontrar a abertura sombria, escondida da vista por detrás do rochedo. Sentiu o coração bater de antecipação à medida que se aproximava. À entrada da gruta, notou o frio do ar vindo do interior e teve um calafrio. Prendendo a respiração, Muller agachou-se e atravessou a abertura apertada.

No interior, a luz não penetrava mais do que uma curta distância, já que o sol não entrava diretamente na gruta. Muller retirou a lanterna do bolso e acendeu-a. Subitamente, um feixe luminoso rompia a escuridão rumo ao fundo da gruta fria e húmida. O ar tinha um cheiro bafiento e as botas de Muller faziam ruído ao pisar as pequenas pedras no chão da gruta. Sentia uma excitação queimar-lhe as veias como nunca antes acontecera. E depois amarga frustração. Estava diante de si a maior descoberta arqueológica daquela era. E, no entanto, não podia tirar proveito dela. Se ao menos tivesse tido mais tempo. Mais tempo para explorar adequadamente a gruta e descobrir todos os seus segredos.

Como tinha feito já um punhado de vezes antes, Muller aproximou-se lentamente do fundo da gruta, onde a rocha talhada dava lugar a uma superfície plana. Duas colunas, cortadas na própria montanha, ladeavam uma grande laje de pedra. Não tinha quaisquer marcas, com exceção de uma curta frase gravada na superfície plana, trabalho de um pedreiro que desaparecera da face da Terra há quase três mil anos, mas tão bem preservada que podia ter sido inscrita na véspera. Muller inclinou a lanterna, fazendo a luz incidir de um ângulo que tornava cada palavra perfeitamente legível. Não podia haver qualquer engano quanto ao nome, ou ao epitáfio. Muller jurou a si próprio que um dia aquela descoberta iria fazer a sua reputação. O mundo haveria de ligar o seu nome àquele lugar para todo o sempre, e aos tesouros que repousavam na escuridão por detrás daquela parede de rocha.

C A P Í T U L O U M

Kent, Novembro de 2013

— **P**orque é que tenho de fazer isto, professora?
Anna caminhava de regresso à sua secretária, por entre as carteiras do nono ano, e deteve-se para se voltar na direção da voz. Jamie Gould fitava-a com uma expressão interrogativa. Anna estava ciente de que vários outros rostos tinham desviado a atenção dos questionários, à espera de ver como reagia. Anna conhecia a turma demasiado bem para saber quais eram os alunos que tendiam a perturbar as aulas e os que simplesmente não conseguiam apanhar nada; Jamie não era destes últimos. Anna pôs-se instintivamente à defesa.

Pigarreou suavemente, para limpar a garganta. — Fazer concretamente o quê, Jamie?

— Isto. — Jamie indicou o questionário com a cabeça, e o seu cabelo preto ondulado tremeluziu momentaneamente. Era um rapaz inegavelmente atraente e Anna sabia que muitas das raparigas da turma se sentiam cativadas por ele. Incluindo, lamentavelmente, Amelia Lawrence, uma jovem estudiosa que quase de certeza teria um «Muito Bom» a História, isto é, desde que estivesse disposta a estudar a matéria para o exame. E Anna desejava muito que assim fosse. Sentia-se genuinamente protetora em relação a Amelia, como só as professoras se sentiam em relação àquelas alunas que esperavam que viessem a ter um futuro decente, sem o lastro de filhos, namorados ou, Deus as livrasse, maridos ou companheiros como Jamie Gould.

— O questionário faz parte do processo de avaliação, Jamie — respondeu Anna pacientemente. — Tens de fazer os exercícios para que eu possa saber o que conseguiste aprender sobre a matéria.

— Mas é uma seca, professora.

Anna sorriu. — Nada te garante que tudo o que aprenderes na escola será divertido. Algumas coisas são meramente importantes. Tenho a certeza de que serias capaz de perceber isso se prestasses toda a atenção ao assunto, Jamie.

Houve uma pausa; Anna viu o cintilar hostil nos olhos dele e lamentou imediatamente o comentário maldoso. Anna desprezava aqueles professores que retiravam satisfação dos comentários maliciosos lançados aos alunos. Como se houvesse o mínimo mérito em humilhar um ser humano mais novo, menos culto e com menos experiência de vida. E, no entanto, tinha acabado de fazer o mesmo. Não tinha desculpa, repreendeu-se a si mesma.

— E porque devia prestar atenção, professora? — Jamie pousou a esfrográfrica com uma pancada seca e inclinou-se para trás na cadeira, esticando as pernas. — História é uma seca. Não faz sentido nenhum estudar isto. Porque nos há de obrigar? Não é como se tivesse alguma utilidade depois de eu sair desta estrumeira.

E não deixas saudades nenhuma, querido Jamie. Anna aproximou-se da secretária que Jamie partilhava com outros cinco alunos, cuidadosamente escolhidos para que ficasse rodeado de alunos-modelo, como se a ética de trabalho destes pudesse de alguma forma ser contagiosa. Manteve uma expressão neutra, sustentando o olhar de desafio dele, procurando decidir rapidamente como lidar com mais este ataque à sua autoridade.

— Ena, a quantidade de questões que levantaste. Começamos por onde?

— A senhora é que sabe. A professora de História é a senhora. — Jamie olhou em volta, alguns alunos a rir de forma nervosa, enquanto outros apreciavam o confronto com curiosidade. Anna viu os lábios de Amelia formarem um sorriso titubeante, enquanto olhava para Jamie. Aquele sorriso, que não passava de um pequeno gesto inconsequente, feriu Anna, fazendo-a voltar-se para o rapaz com uma expressão fria.

— Sim, sou eu a professora, e o meu trabalho é tentar ensinar-vos alguma coisa. Para vosso bem. Que queres ser quando saíres daqui, Jamie?

— Quero fazer alguma coisa interessante. Uma coisa bem paga. Nada que se pareça a ser professor. — Deteve-se. — Ser professor é uma seca.

— Estou a ver. Com que então, uma seca? — Tinha tantas respostas a digladiarem-se para ganharem expressão. A primeira, e a que mais carecia de ser contida, era dizer ao adolescente arrogante que, tal como estavam as coisas, ia deixar a escola com um conjunto de notas tão pobrezinho que pouco mais eram do que atestados de presença, e que se preparasse para ver até onde conseguia chegar com elas naquele clima de recessão. Depois vinha a ânsia de explicar em que consistia a educação. O importante que era, para Jamie, para toda a gente. De como sustentava tudo quanto tornava possível a vida civilizada. Anna decidiu que era melhor restringir-se a uma linha de argumentação mais concisa.

— Dizes que a História é aborrecida.

— Uma seca — concordou. — São só coisas que aconteceram. Há muito tempo. Não podemos mudar nada. Não me diz nada. Nada a ninguém que viva hoje. Não devíamos perder tempo com estas tretas. — Espetou o indicador no questionário, onde Anna podia ver que as respostas que tinha dado não passavam de um punhado de palavras garatujadas contra vontade no espaço concedido para o efeito. Um desenho rasurado estendia-se ao longo de uma das margens.

O olhar de Anna regressou ao rosto do rapaz, fixando-se nos olhos, onde encontrou aquela peculiar hostilidade face a docentes do sexo feminino que já antes encontrara em inúmeros rapazes ao longo dos seus cinco anos de ensino. Procurou ignorá-la enquanto estruturava uma resposta.

— Não consigo partilhar da tua opinião, Jamie. Para mim, a História não é minimamente aborrecida. Muito pelo contrário. A História é como uma grande estória, uma estória que explica tudo. Diz-nos porque é que as coisas são como são. E é por isso que é tão importante. Para todos nós. Mesmo para ti, Jamie. E a minha função é tentar fazer-te ver isso.

— Não consegue. — Jamie fez estalar a língua. — Não consegue pôr-me a fazer o que *a professora* quer. E se eu não quero saber de História, não tem nenhum direito de me obrigar. Porque não posso aprender alguma coisa de jeito? Alguma coisa que me ajude a arranjar um emprego a sério? — Agora tinha um brilho ameaçador no olhar, e subiu o tom de voz ao inclinar-se para a frente. — Sobre o que é isto? — Pegou no questionário e sacudi-o diante de Anna. — Um monte de perguntas da treta sobre uma ponte que caiu em Great Yarmouth há mais de cem anos. Que interessa isso?

Anna sentiu o coração começar a bater mais depressa e aquela conhecida sensação de vertigem na boca do estômago perante o desafio do rapaz. Na verdade, partilhava do desgosto dele para com os questionários, com

as suas estafadas avaliações das fontes primárias e secundárias, mas era o que o diretor do Departamento de Humanísticas insistia que usasse. Era deprimente ver os estudantes a folhear as pastas coloridas, diferenciadas pelas respetivas capacidades individuais, ano após ano.

Anna tentava adaptar as suas aulas de maneira a partilhar a sua paixão pela História com os seus alunos, mas para uma pequena parte deles era um desafio que teria exaurido o próprio Sísifo. Queria dizer a Jamie que partilhava da sua opinião sobre os questionários. Queria falar-lhe das grandes estórias que enchiam as páginas da História, das personagens, tanto heróis como vilões, que se batiam entre si ou seguiam percursos audazes, pautados por princípios e saber. Partilhar com Jamie as poderosas lições que o passado ensinava. Ocorreu-lhe uma citação, umas quantas linhas escritas numa ficha de referência que tinha afixado por cima do seu lugar na sala de professores: «Aqueles que não estudam a História estão condenados a repeti-la. E, no entanto, aqueles que a estudam estão condenados a assistir, impotentes, enquanto os demais a repetem...» Tinha afixado aqueles dizeres para recordar, todos os dias, o que a levava a tornar-se professora de História. Talvez um dia houvesse um número suficiente de pessoas a estudar História, e o ciclo pudesse ser quebrado. Até lá, tinha de lidar com Jamie, e com outros como ele.

Um movimento súbito chamou-lhe a atenção e voltou a cabeça suficientemente depressa para conseguir ver Lucy, uma rapariga loura excessivamente maquilhada, a apontar para o relógio por cima do quadro branco e a fazer o gesto de quem dá corda com a mão. Jamie tinha visto o gesto, e ao aperceber-se de que também a professora se apercebera, esboçou um ténue sorriso de desafio.

Com que então era isso, pensou Anna para consigo mesma. A velha jogada de fazer a professora perder tempo até a campainha se fazer ouvir, anunciando o fim da aula. Sentiu-se danada consigo própria por se ter deixado levar. Inspirou lentamente. Fazia tudo parte dos altos e baixos da profissão. Tentou convencer-se de que, no final, daria uma conta redonda. Haveria aulas melhores, nas quais Jamie se contentaria em apanhar apenas uma seca em vez de perturbar ou, melhor ainda, se contentaria com mais uma falta injustificada. Debruçou-se sobre a mesa e falou com voz calma.

— Jamie, não há como escapar a isto. Por isso, o melhor é aproveitares o mais que puderes. Termina o questionário, e não perturbes mais a aula. Entendido?

Ainda as palavras lhe estavam a sair da boca e Anna arrependeu-se da

admissão a que ele a forçara. Tinha perturbado a aula. Era o prémio dele. A sua inútil recompensa na luta permanente contra uma autoridade que, no final, ia acabar por o vencer. E agora, o palerma estava a rir.

Voltando costas à mesa de Jamie, Anna regressou à sua secretária e olhou para o relógio.

— Faltam dez minutos. Não quero ouvir mais ninguém a falar. Acabem as fichas. Aqueles que terminarem podem entregar os questionários no final da aula. Os outros terminam em casa e entregam-mos completos logo no começo da aula de amanhã. Mãos à obra.

Por instantes, Jamie limitou-se a fitá-la de forma desafiadora. Depois encolheu os ombros, pegou na esferográfica e começou a executar pequenos movimentos circulares. Anna pensou em confrontá-lo novamente e obrigá-lo a fazer o que lhe tinha dito, mas compreendeu que isso resultaria apenas em nova interrupção da aula e em menos trabalho realizado pelos outros membros da turma.

Foi com alívio que reagiu ao toque estridente da campainha a anunciar o intervalo do almoço. Ainda antes de conseguir proferir palavra, ouviu-se o costumeiro restolhar dos alunos a pegar nas mochilas e a arrumar os cadernos e os manuais.

— Ponham os questionários já terminados na minha secretária. Quero os outros logo no começo da próxima aula, no meu escaninho. — Anna teve de elevar a voz para se fazer ouvir sobre as cadeiras que se arrastavam pelo linóleo desgastado, e sobre sacos e mochilas que batiam contra as pernas metálicas das mesas. Jamie e a maioria dos outros alunos dirigiram-se diretamente para a porta. Só um punhado de alunos se dirigiu à secretária de Anna para pousar rapidamente as fichas num montinho ao lado do livro de ponto. Amelia foi a última a sair e dirigiu-lhe um breve sorriso enquanto pousava o seu questionário, com todas as caixas de texto completamente preenchidas com um cursivo escorreito. Algo naquele sorriso deixava transparecer o embaraço pelo que tinha acontecido com a professora, e Anna acenou discretamente com a cabeça, partilhando aquele breve momento de entendimento.

Depois Amelia saiu e Anna ficou sozinha na sala de aulas. Interrogou-se sobre a razão de tantos alunos acharem difícil partilhar da sua paixão pela História. Já era suficientemente difícil ter de batalhar contra um sistema que parecia apostado em marginalizar a matéria, a favor de «conhecimentos relevantes». Era ainda pior quando os políticos se serviam da História como uma oportunidade para forçar uma qualquer ideologia patriótica, ou

para consciencializar as massas de fosse qual fosse a questão social contemporânea que mais vexava os membros mais progressistas do parlamento. Às vezes ficava com a sensação de que já não existia um amor pela História enquanto História.

Anna abriu os olhos e levantou-se, reunindo o fino molho de fichas entregues. Depois deteve-se. Ainda estava uma folha de papel sobre a mesa onde Jamie se sentara. Com um suspiro, atravessou a sala e pegou nela. Uma série de ovais desenhadas a caneta rodeavam duas linhas escritas na diagonal da página. «A merda da história devia ser apenas história.»

Anna abanou a cabeça e considerou participar aquilo ao diretor do curso, para que tomasse as medidas necessárias quanto a Jamie.

— Para quê? — perguntou de si para si, baixinho. Enfiou a folha sob as outras que já tinha na mão, e voltou-se para sair da sala e descer o corredor até à sala de professores. Quando abriu a porta, a cena era-lhe tão familiar como a sala de estar da casa com terraço que tinha conseguido arrendar. Nalguns aspetos, ainda mais. As mesmas pessoas estavam sentadas nas mesmas cadeiras, a abrir as suas marmitas de plástico e a pegar nas suas sandes, fruta e batatas fritas. O aroma forte a café filtrado evolava-se do estreito balcão de cozinha onde o corpo docente pousava as suas chávenas. Alguns rostos voltaram-se para ela e saudaram-na com um breve aceno de cabeça.

Anna dirigiu-se à porta que levava à sala de trabalho estreita, dividida em cubículos. Tinha-lhe sido destinado um, na qualidade de professora recém-licenciada, quando chegara à escola, mas como ninguém se tinha dado ao trabalho de o reatribuir posteriormente, agora Anna encarava-o como o seu cantinho. Pousou as fichas na prateleira por cima do tampo atafalhado da secretária e sentou-se. O técnico de informática da escola tinha substituído o habitual *screensaver* por uma lareira animada, rodeada de azevinho e meias de Natal, com um relógio digital pousado sobre o rebordo, contando os segundos que faltavam até ao final do período letivo.

A imagem desapareceu logo que Anna sacudiu o rato, e depois deslocou o cursor até à caixa de *login*, e digitou o seu endereço de email e palavra-passe, fazendo surgir a pasta com as suas aplicações. Deslocou o cursor até ao ícone do Facebook e clicou duas vezes. O familiar cabeçalho azul surgiu imediatamente, com o histórico desenrolável, e Anna consultou rapidamente o *feed* de notícias. Encontrou o habitual conjunto de atualizações pessoais, anúncios, e ofertas para jogar determinados jogos ou participar num questionário. Anna leu-os sem qualquer interesse e voltou a

atenção para os três ícones vermelhos no topo da página. Dois amigos de amigos pediam para ser aceites. Clicou no botão «agora não» e passou às mensagens. Havia um item novo, de alguém chamado Dieter Muller. Não era um nome que lhe fosse familiar, e por isso abriu a mensagem com alguma curiosidade.

> Esta conta de Facebook pertence a Anna Thesskoudis? Filha de Marita Thesskoudis. Neta de Eleni Carson (nascida Thesskoudis).

Anna ficou surpresa. Não conhecia nenhum Dieter Muller e sentiu-se desconfortável ao compreender que ele parecia saber algo sobre a sua família. Os seus dedos pairaram sobre o teclado, e por fim teclaram uma resposta rápida.

> Quem quer saber, e porquê?

C A P Í T U L O D O I S

Após enviar a resposta, Anna mudou para a página do serviço noticioso da BBC e correu os olhos pelas manchetes antes de regressar à área principal da sala dos professores e preparar um café. Forte, escuro e doce, tal como a sua mãe sempre fizera. À maneira grega. De regresso ao seu espaço de trabalho, Anna pousou a chávena e voltou ao Facebook. Viu uma nova mensagem de Dieter Muller.

> Não era minha intenção ofender. Estou apenas a tentar localizar uma fonte para a tese que estou a preparar aqui em Munique. Devia ter-me apresentado. Sou um estudante alemão de pós-graduação e estou a estudar as expedições às Ilhas Jónicas que se realizaram antes da Segunda Guerra Mundial. Estou a tentar localizar descendentes de uma família grega que vivia em Lefkas nessa altura. Encontrei o nome de uma Eleni Thesskoudis que se mudou para Inglaterra pouco depois da guerra, enquanto esposa de um oficial britânico. Essa Eleni será a sua avó?

Anna leu a mensagem uma segunda vez, mais devagar. Tinha uma desconfiança inata em relação ao Facebook, tendo visto a forma rotineira como os alunos abusavam dessa ferramenta para pregar partidas uns aos

outros, e por vezes até para fazer a vida negra a alguém. Nem o próprio corpo docente escapava a esse tipo de comportamentos e Anna interrogou-se se aquilo não teria nada que ver com Jamie. Era melhor ser cautelosa, pensou enquanto compunha uma resposta.

> Não o conheço e não costumo partilhar informações pessoais com desconhecidos no Facebook. Se estiver a falar a sério, envie-me o seu email e provas de que é quem diz ser.

Encostou-se para trás e fez estalar a língua. Tinha sido brusca, quase rude. Mas apesar de querer saber mais sobre como aquela pessoa, que se dizia alemã, sabia coisas da sua família, não ia deixar arrastar-se para uma patética partida de estudantes ou, pior ainda, algum tipo de esquema. Voltou a escrever.

> Como encontrou o meu nome?

Viu a indicação de que o desconhecido estava a escrever e depois uma palavra surgiu na caixa de texto.

> Google.

— Maldito Google — resmungou. — Já não há privacidade? — Mais palavras surgiram na caixa.

> O Google levou-me a registos genealógicos e calculei que pudesse encontrá-la no Facebook. Fiz uma busca pelo seu nome e pronto... É a pessoa que estou a tentar localizar? Se não for, as minhas desculpas. Mas caso seja, podia ajudar-me com alguns pormenores sobre a história da sua família em Lefkas. É só isso. Até é capaz de achar a minha investigação interessante...

Anna arqueou uma sobrancelha, pensativa. A família da sua avó tinha um pequeno supermercado em Nidhri. Encontrara-se com familiares algumas vezes, sempre que algum primo distante da sua mãe tinha ido a Inglaterra visitar Eleni, mas só lá fora uma vez, para um casamento, dois anos antes. Pareciam a típica família grega: ruidosa, orgulhosa e de grande

coração. Pelo menos no que dizia respeito às ligações de sangue. Para lá da família mais próxima pareciam subsistir algumas querelas cujas causas eram tão antigas que já ninguém recordava a ofensa que as originara. Nada de particularmente notável, concluiu Anna.

Sendo assim, que interesse podiam ter para Dieter Muller? Tinha-a encontrado através do Google, e esse era um jogo que podia ser jogado a dois. Abriu o motor de busca, teclou o nome dele, juntamente com a Universidade de Munique, e a lista de referências surgiu de imediato. Havia mais de trezentos resultados, mas por sorte apenas sete que combinavam o nome e a instituição. Clicou na primeira ligação provável, que a levou à página do Departamento de Arqueologia, com a opção de consultar a versão em inglês. Outro clique, uma pequena espera, e surgiu uma página que listava, por ordem alfabética, os estudantes de pós-graduação com uma sinopse dos seus projetos de investigação. Anna fez a página correr pelo ecrã até encontrar o nome dele e abriu o ficheiro.

Abriu-se uma outra janela, com uma foto pequena de um homem jovem, que parecia ter a idade de Anna. Tinha o cabelo curto e escuro, e usava óculos sem armação e a barba cuidadosamente aparada. Via-se um esboço de sorriso, na esperança de não ficar com o aspeto de foto de passaporte, e Anna apercebeu-se da presença de um brinco em forma de estrela vermelha numa orelha. Achou que tinha uma expressão gentil. Nada de ameaçador ou desconcertante. Voltou a atenção para a proposta de tese e a tradução era suficientemente clara para ficar com uma ideia da sua área de estudo. E, como lhe dissera, Muller estava a estudar o programa de escavações levado a cabo por arqueólogos alemães em Ítaca e Lefkas nos anos que precederam o despoletar da Segunda Guerra Mundial.

— Está bem, Dieter — disse baixinho. — Parece que bates certo.
Escreveu uma nova mensagem.

> Em que posso ajudar?

> Gostava de poder entrevistar Eleni Thesskoudis, se fosse possível. Também estaria interessado em examinar quaisquer fotografias, diários, ou outros registos dessa época que me permitisse consultar.

Anna teclou.

> Não pede muito, então! A minha avó tem mais de noventa anos.

> Compreendo. Mas, se não levar a mal que pergunte, ainda está mentalmente sã?

Anna foi obrigada a sorrir. Ainda no mês passado tinha estado com a avó numa visita a casa da sua mãe em Norwich, e a mente de Eleni continuava tão afiada como sempre, embora o corpo estivesse magro como um palito e ela só saísse de casa uma vez por semana para ir ao posto de correios levantar a pensão de viúva de guerra. Sim, estava mentalmente sã, e com a língua afiada também. Anna sorriu ao recordar a forma como Eleni a repreendera com firmeza por ainda não ter casado. A vida era demasiado curta, insistira, vincando as palavras com o dedo ossudo em riste, enquanto falava com o seu forte sotaque grego. Não havia dúvidas de que Eleni estava *compos mentis*, mas não era essa a verdadeira dificuldade de qualquer entrevista que o estudante alemão pudesse ter em mente. Anna estendeu novamente as mãos para o teclado.

> A minha avó está perfeitamente de cabeça. Mas duvido que esteja interessada. Daquilo que me contou da sua juventude na Grécia, não acredito que aceitasse de bom grado que um alemão lhe pedisse que revivesse esses tempos. Acho que não o posso ajudar.

> Lamento ouvir isso. Mas peço-lhe que pense no assunto. Se Eleni não estiver na disposição de me deixar entrevistá-la, talvez pudesse entrevistar a sua mãe, ou mesmo a si, quanto ao que possam saber? Vou estar em Londres no próximo mês. Poder-nos-íamos encontrar para falar sobre isto? Podia explicar-lhe o meu projeto com mais pormenor. Tenho a certeza de que iria achá-lo interessante.

Anna abanou a cabeça. Apesar do tom educado e formal do pedido, não sabia praticamente nada acerca deste Dieter Muller. Mas algo a fez hesitar. Seria certamente interessante saber mais coisas sobre as origens da sua avó... Depois levantou a cabeça e viu as fichas que ainda tinha de avaliar. Restavam vinte e cinco minutos do intervalo do almoço. Se trabalhasse

depressa, podia despachá-las e não teria de levar trabalho para casa. Teclou rapidamente.

> Lamento, não o posso ajudar.

Depois, sentindo que uma recusa tão brusca não era uma resposta adequada para o estudante alemão, acrescentou mais algumas palavras.

> Estou certa de que é um projeto muito interessante, mas neste momento não tenho tempo que possa dispensar para o ajudar. Boa sorte com a investigação, Dieter.

Houve uma curta pausa e depois a mensagem «Dieter está a escrever» surgiu na caixa de diálogo.

> Compreendo. Deixo-lhe o meu email para o caso de mudar de ideias: dietermuller3487@hotmail.com. Diga-me alguma coisa. Tudo de bom, Dieter.

Por instantes, Anna sentiu-se tentada a prosseguir com o diálogo, e enviar mais uma mensagem, mas voltou a olhar para as fichas e obrigou-se a fechar a página do Facebook e terminar a sessão no computador. Empurrou o teclado de encontro ao monitor de ecrã plano, puxou os papéis para a sua frente e pegou num marcador verde para começar a corrigir a primeira ficha. Enquanto progredia pelas respostas dos alunos, Anna não conseguia deixar de pensar nas mensagens do alemão, interrogando-se sobre o que é que concretamente poderia tê-lo levado a procurar a sua avó. Tinha de ser algo significativo. Algo importante. Algo que Anna sentiu que ela própria tinha de saber.

C A P Í T U L O T R Ê S

Anna acordou cedo na manhã seguinte. Abriu os olhos, pestanejando, e olhou automaticamente para o relógio na mesa de cabeceira. O mostrador de um amarelo morticho disse-lhe que eram seis e um quarto. Ainda faltava meia hora para o despertador tocar. O aquecimento ainda não se tinha ativado e o ar frio do quarto era cortante, pelo que se enfiou um pouco mais sob o edredão. Anna recordou-se de que ainda tinha de completar um novo esquema de trabalho para o sétimo ano. Ganhando coragem para enfrentar o frio, saiu da cama.

Vestiu umas calças de fato de treino e o robe, enfiou os pés nos chinelos, caminhou rapidamente pelo corredor até ao segundo quarto, mais pequeno, que utilizava como escritório, e sentou-se à secretária. Tinha deixado os apontamentos em frente ao teclado do computador na véspera, para não se esquecer, pelo que estendeu a mão para uma esferográfica. Depois deteve-se, olhando para o ecrã escuro do computador, enquanto fazia a caneta rodar entre o polegar e o indicador. Pousou a caneta e tocou no teclado.

O computador despertou imediatamente do modo de hibernação, zumbindo sob a secretária, e ao fim de poucos instantes o monitor acendeu-se. Anna entrou no Facebook e abriu a troca de mensagens entre ela e Dieter Muller. Voltou a lê-las, refletindo na oportunidade de aprender algo da história da sua família. Por vezes tinha a sensação de

que a matéria que lecionava negligenciava a história da vasta maioria das pessoas. Uma quantidade inimaginável de vivências extraordinárias tinham-se perdido para sempre porque se menosprezava as pessoas comuns e as suas memórias não eram registadas. Talvez pudesse contribuir com alguma coisa para enfrentar esse processo. Podia descobrir algo sobre as experiências da sua avó durante a Segunda Guerra Mundial. Uma história que valesse a pena registar e transmitir às gerações vindouras. Talvez fosse mesmo algo que pudesse utilizar para inspirar os seus alunos, para lhes fazer compreender que todos tomamos parte na construção da História.

Embora tivesse o endereço de email do alemão, Anna resolveu não o utilizar. Ainda não estava preparada para estabelecer essa linha de comunicação. Era melhor utilizar o serviço de mensagens do Facebook. Inclinou-se para a frente e teclou.

> Peço desculpa se lhe pareci indelicada ontem. Mas a sua abordagem foi como que saída do nada, como dizemos por aqui. Agora que tive oportunidade de refletir um pouco, gostava de saber mais sobre o seu projeto. Se tiver algum tempo livre durante a sua visita a Londres, podemos encontrar-nos para um chá, ou uma refeição. Termino as aulas no dia 16. Qualquer dia entre essa data e 23 de dezembro, para mim está bem. Diga-me se lhe é conveniente.

Enviou a mensagem e ficou uns instantes a olhar para o monitor, mas não havia sinal de que estivesse a ser preparada qualquer resposta. Com um suspiro, Anna voltou a pegar na caneta e regressou ao trabalho, mantendo um olho sempre atento ao ecrã. Ainda não tinha recebido qualquer resposta quando acabou de preparar o esquema de trabalho.

Em contraste com a rápida troca de mensagens no primeiro dia em que o alemão a contactara, nesse dia não obteve qualquer resposta da parte dele, nem sequer na semana que se seguiu. Nem na outra a seguir. Primeiro sentiu-se desapontada, depois o assunto começou a desvanecer-se-lhe progressivamente da ideia à medida que o período escolar se arrastava rumo ao Natal. Ademais, considerava que seria indigno de si insistir com nova mensagem, e decidiu que ele tinha perdido o interesse nela, que tudo se resumira a um daqueles efémeros frenesis de comunicação que caracterizavam as redes sociais.

Anna resolveu esquecer o assunto de vez e concentrar-se na atividade

escolar. As aulas sucediam-se umas às outras; Jamie Gould foi chamado ao diretor de turma por causa do seu comportamento e a grandiosa peça musical da escola avançou vertiginosamente para a noite de estreia, quando o átrio se encheu de pais diligentes e elementos docentes obrigados a comparecer. Depois de ter aplaudido, e se ter detido a falar com alguns pais, Anna foi buscar as suas coisas para regressar a casa.

A sala dos professores estava vazia e Anna foi rapidamente à área de trabalho buscar a carteira e o casaco que deixara pendurados nas costas da cadeira. O computador ainda estava ligado e ela preparava-se para o desligar quando se sentiu hesitar, e resolveu aceder ao Facebook. Tinha uma mensagem à sua espera. De Dieter Muller. Clicou rapidamente nela.

> As minhas desculpas pela demora a responder à sua mensagem. Estive na Grécia a fazer pesquisa. Fico encantado por saber que está disposta a receber-me. Na próxima semana estarei em Londres. Podemos encontrar-nos para almoçar na terça? Eu convido, claro. Que me diz à uma hora no restaurante Le Grand em Baker Street? Diga-me se é possível, logo que possa. Obrigado. E tudo de bom.

Anna ficou imóvel por uns instantes, depois estendeu as mãos para o teclado e escreveu rapidamente.

> Muito bem. Lá estarei.

As ruas de Londres estavam apinhadas quando Anna saiu da estação de metro de Charing Cross alguns dias mais tarde. À sua esquerda a usual multidão de turistas que visitava Trafalgar Square amontoava-se em redor dos artistas de rua. As iluminações de Natal pendiam sobre o trânsito como uma filigrana de estrelas a reluzir no ar gelado. As aulas tinham terminado na sexta-feira anterior e hordas de crianças acompanhavam os pais na compra dos derradeiros presentes.

Anna sentia genuína curiosidade em saber o que levava Dieter a dizer-lhe que ficaria interessada no seu projeto de investigação. Se ajudasse a verter alguma luz sobre o passado da sua avó, já teria valido a pena. Eleni raramente lhe falava sobre a sua juventude, e pouco lhe dizia sobre o que tinha passado durante a guerra. Anna tinha perguntado à sua mãe qual a

razão de tanta relutância, mas ela também só conhecia alguns detalhes que lhe tinham chegado através de parentes desse lado da família.

Os Gregos tinham sofrido muito com a ocupação alemã e italiana do seu país. Só em Atenas, mais de trezentas mil pessoas tinham morrido de fome. As condições não tinham sido muito melhores no campo. Embora houvesse mais comida para distribuir, o feio conflito entre os resistentes, os *andartes*, e os fascistas tinha levado a represálias, nas quais dezenas de milhares de gregos tinham sido abatidos sumariamente a tiro, e as suas aldeias arrasadas. Eleni fora criada na ilha jónica de Lefkas que, tanto quanto Anna sabia, pouco tinha sofrido durante a ocupação. Talvez Dieter Muller lhe soubesse dizer algo sobre isso, bem como sobre o período que estava a estudar, os anos que haviam antecedido a guerra, quando os seus compatriotas tinham estado mais interessados em desenterrar o passado do que a esmagar os que viviam no presente.

Logo que a comparação lhe atravessou a cabeça, Anna sentiu uma pontada de culpa. Recordar a guerra parecia ser quase uma obsessão nacional em Inglaterra. Os documentários intermináveis na televisão, as reposições de *Dad's Army*, *'Allo 'Allo!* e *Goodnight Sweetheart*, e as prateleiras da Waterstones vergadas com livros sobre a guerra. Já para não falar de todos os jogos de computador que por vezes ouvia referidos pelos alunos na escola, e as imagens e manchetes infantis que enchiam os tabloides sempre que a seleção inglesa de futebol jogava contra a Alemanha. A guerra tinha começado há mais de setenta anos, mas perdurara, primeiro na memória daqueles que a tinham vivido, como uma ferida aberta, depois como objeto de fascínio para as gerações seguintes, e por fim como entretenimento.

Anna sabia que na Alemanha era diferente. Tinha estado em Berlim numa visita de estudo e vira com os próprios olhos os vários santuários do sentimento nacional de culpa: o memorial do Holocausto e o museu que detalhava, com brutal franqueza, a barbaridade assassina da Gestapo e das SS. Por vezes, o fardo do passado assentava pesadamente nos ombros de Anna, recordando-lhe porque se tornara professora de História. Havia um dever de recordar, de aprender com o passado, ainda que apenas para melhor compreender o presente. E no entanto existia na Grã-Bretanha uma alarmante tendência para trivializar a catástrofe que tinha arrancado o coração a meados do século XX, e que ainda deixava cicatrizes no número cada vez menor daqueles que a tinham vivido.

Tinha-se perdido de tal forma nos seus pensamentos que, sem sequer

se ter apercebido, já tinha saído de Oxford Street e seguia para norte em direção a Baker Street. Olhando para o seu relógio, viu que tinha acabado de marcar meio-dia e meia hora, e teve um gesto de satisfação. Ia ser a primeira a chegar ao restaurante e tentaria identificar Dieter antes de ele a ver. Tinha a vantagem de conhecer o aspeto dele, e ia ter uma primeira impressão antes de se apresentarem formalmente. Era um velho hábito que remontava aos seus primeiros encontros amorosos, quando queria ver os rapazes como eles eram, antes de porem a máscara com que a procurariam impressionar. Atenção, refletiu, era mais do que provável que ele também a conseguisse reconhecer; havia tão pouca privacidade nestes dias, graças à internet. Mas aquilo não era um encontro amoroso, recordou a si própria. Apenas uma reunião rápida com alguém que queria partilhar algumas informações que poderiam lançar alguma luz sobre a história da sua família. Algo de interessante. E nada mais.

Encontrou o restaurante a pouca distância, após começar a descer a rua. Tinha uma entrada estreita, com uma montra grande de um dos lados. Um par de cortinas de linho emolduravam uma exposição de cestos contendo pão, cebolas, queijo e presuntos, com uma grande jarra de vinho um pouco mais ao lado. Para lá da montra Anna podia ver mesas que se estendiam para o interior do restaurante, a maior parte das quais já tomada por comensais. Isso era bom, decidiu. Assim havia muito menos hipóteses de dar nas vistas quando Dieter chegasse. Anna empurrou a porta e entrou. Deparou-se com um bar no extremo de um longo balcão. Uma mulher loura, com uma blusa escura, levantou os olhos da caixa e cumprimentou-a com um sorriso.

— Posso ajudar?

— Sim, creio que foi feita a reserva de uma mesa por um Sr. Muller. Venho almoçar com ele.

A empregada olhou para uma folha ao lado da caixa e fez que sim com a cabeça. — Queira acompanhar-me, por favor.

Conduziu Anna até à parte do fundo do restaurante, por entre duas filas de mesas, e ela sentiu o coração saltar uma batida quando viu um homem que estava sentado sozinho numa mesa levantar o olhar. Dieter tinha chegado primeiro ao restaurante, e já estava ali há algum tempo, pelo menos a julgar pela profusão de blocos de notas à sua frente, e pelo copo de vinho quase vazio. Fechando apressadamente os blocos e enfiando-os numa pequena mochila aos pés da cadeira, o alemão levantou-se e estendeu a mão a Anna.

— Obrigado por ter vindo, *Miss Thesskoudis*. — Pronunciou-lhe o nome devagar e cautelosamente, com um sotaque que tinha tanto de americano como de alemão. — Está correto? Thesskoudis? Não tinha a certeza. A sua mãe chama-se Hardy-Thesskoudis, e a sua avó é a Sra. Carson, se não estou em erro?

— Sim. — Anna sorriu. — Quando o meu avô morreu, ela voltou ao nome grego, tal como a minha mãe. Pelo menos até ter casado, e ter recebido também o apelido do meu pai, que manteve até se ter divorciado. Eu mudei o meu para Thesskoudis depois de ele nos ter deixado.

O alemão pestanejou. — Compreendo...

Anna riu, apertando-lhe a mão, sentindo-a quente e apercebendo-se de que ele usava três anéis de prata trabalhada, o tipo de joalharia que costumava associar a estudantes de Belas Artes.

— Acho que devia ficar-se por Anna. É muito mais fácil de lidar com o nome.

— Sim, acho que sim. — Ele sorriu. — Trate-me por Dieter, por favor.

Dieter indicou a cadeira de costas altas do outro lado da mesa e a empregada aproximou-se. — Permite-me que lhe leve o casaco?

Anna anuiu e deixou-o escorregar pelos braços, depois sentou-se e acomodou-se enquanto Dieter retomava o seu lugar. Ergueu uma sobrançelha, inquisitivo. — Uma bebida, antes de começarmos?

— Um copo de branco seco, obrigada.

— O mesmo para mim — acrescentou Dieter.

A empregada afastou-se e gerou-se um curto momento de silêncio, até que Anna sorriu. — Parece um pouco diferente da sua fotografia no *website* da universidade.

— Oh? Como assim?

— Tem o cabelo um pouco mais comprido, e havia um brinco.

Ele levou inconscientemente a mão ao símbolo yin-yang que lhe pendia do lóbulo da orelha direita e encolheu os ombros. — A universidade prefere que os pós-graduados apresentem um ar profissional ao público.

Anna não conseguiu evitar uma breve risada. — Passa-se o mesmo na minha escola. Olhando para o nosso prospeto, dir-se-ia que todos os alunos vinham à escola em blazers imaculados e que se encontravam num estado de êxtase permanente face à perspectiva de um novo dia de aprendizagem.

Dieter ponderou aquelas palavras por breves instantes, e franziu os lábios. — O êxtase é facultativo nas instituições de ensino alemãs. — Depois,

apercebendo-se do que tinha dito, riu-se. — Refiro-me à alegria, não à droga¹.

— Eu percebi. — Anna deu por si a simpatizar com o alemão depois de a tensão inicial das apresentações se ter esbatido um bocado. Cruzou as mãos sobre a mesa. — Então, está a pesquisar para um doutoramento em História?

Era uma tentativa atabalhoada de desviar a conversa para a razão daquele encontro e Anna sentiu um trejeito interior quando ele respondeu.

— Arqueologia, em vez de História.

— Uma disciplina similar, acho eu.

Ele pareceu ter ficado momentaneamente surpreso e inclinou a cabeça de lado. — Sim, penso que o elo é suficientemente estreito. Há muitos caminhos para se perceber o passado. Também se interessa por História?

— Dou aulas de História. Na escola. A Ashtorpe Victory Academy.

— Uma academia? Fico impressionado.

— Nem tanto, se conhecer o nosso sistema de ensino. Essencialmente, é apenas um liceu com outro nome. Nada de especial. Mas adoro ensinar História. Por isso, sim, tenho um interesse profissional por ela.

— Bom. Muito bom. Ambos partilhamos um interesse pelo passado. Assim sendo, é melhor dizer-lhe porque lhe pedi para nos encontrarmos.

Anna sorriu, encorajadora.

Dieter encostou-se para trás e ordenou as ideias. — Não sou o primeiro arqueólogo na minha família. O meu avô teve essa honra. Um homem com reconhecimento na área, nos anos trinta. Foi um dos melhores alunos do Professor Dörpfeld. — Referiu o nome como se Anna tivesse a obrigação de o conhecer. — Este, por sua vez, era um admirador do trabalho de Schliemann, que descobriu Troia. Tal como Schliemann, o professor era um leitor apaixonado de Homero, e queria prosseguir com o trabalho de Schliemann. Não. Queria alcançar algo ainda maior. Queria descobrir o palácio e o túmulo de Ulisses, o protagonista da segunda grande obra de Homero. Conhece a *Odisseia*?

— Li parte dela, quando andava a estudar.

— Então sabe que, depois do fim da guerra com Troia, Ulisses vagueou pelo mundo durante muitos anos, antes de regressar ao seu reino em Ítaca. Pelo menos, essa é a história contada por Homero. Na verdade, o seu regresso deve ter-se dado sem tantos incidentes. Ele e os seus homens regressaram da guerra, os navios a abarrotar com os despojos de Troia. Tesouros

¹ NdT: Em inglês, «ecstasy»/êxtase.

que teria guardado no seu palácio. Era nisso que Dörpfeld acreditava, e por isso liderou uma expedição a Ítaca em busca das ruínas do palácio de Ulisses.

» Ele e os seus seguidores, o meu avô incluído, vasculharam Ítaca durante anos, descobrindo poucas ruínas da Antiguidade, nenhuma grande o bastante para servir como palácio a um rei. Considerou, por isso, que as fontes clássicas poderiam não conter informação suficiente. Ítaca é uma ilha pequena. Se tinha um rei, era possível que o seu reino se estendesse a outras ilhas próximas. O meu bisavô, Karl Muller, foi encarregue de conduzir as escavações em Lefkas. Enquanto um outro colega escavava na Cefalónia. — Dieter ergueu as mãos. — Era, como se costuma dizer, um tiro no escuro, mas Karl aceitou o desafio. Talvez, penso eu, tivesse a esperança de descobrir algo que lhe permitisse construir a sua própria reputação. Tenho os seus diários daqueles anos. Os seus diários, blocos de notas e fotografias.

— E descobriu alguma coisa?

Dieter hesitou por uns instantes. — Nem por isso. Não. Apenas os restos de um grande edifício. Nunca encontrou provas bastantes que lhe permitissem identificá-lo como o palácio de Ulisses.

— Oh. — Anna não conseguiu esconder a desilusão. — Que pena. E então, qual é o seu interesse? Espera continuar a partir de onde ele ficou?

O alemão sorriu. — Nada disso. Não. Praticamente não sobra qualquer rasto das escavações. Apenas fragmentos. O meu interesse é mais, hmm... etnográfico. Quero apresentar um relato das relações entre a equipa do meu bisavô e o povo local, naquela época. A minha investigação é um estudo comparativo entre a metodologia arqueológica invasiva e a harmoniosa face às populações nativas.

Anna assentiu lentamente com a cabeça e Dieter, apercebendo-se da sua expressão, riu-se. — Na verdade é muito menos complicado do que parece.

— Espero sinceramente que sim.

A empregada trouxe o vinho que tinham pedido num tabuleiro e pôs os copos sobre a mesa. Aguardaram que ela se afastasse, antes de Dieter retomar a conversa.

— Tenho, então, os registos do meu bisavô, e o que me falta é o outro lado da história. As memórias dos gregos que trabalharam com ele na escavação em Lefkas. É aí que a sua avó entra na história.

— Eleni? Como? Ela não passava de uma miúda naquele tempo. Nunca ouvi dizer que ela tivesse estado envolvida em qualquer escavação.

— Mas esteve lá. É referida nos diários. Eleni Thesskoudis. Há várias referências à presença dela. Ela era amiga do meu avô, Peter, que também estava na ilha, a acompanhar o pai.

— Que provas tem de que se trata mesmo da minha avó?

— Consultei os registos em Lefkada. Segui-lhe o rasto até Inglaterra. Foi também assim que encontrei o nome da sua mãe. E o seu. — Mergulhou a mão na mochila e retirou de lá um *iPad*. — Veja. Vou mostrar-lhe.

Fez deslizar os dedos pela superfície de vidro e depois virou o aparelho para ela, exibindo uma imagem a preto-e-branco. Anna debruçou-se sobre a mesa e viu que se tratava de uma digitalização de uma fotografia antiga. Três adolescentes, dois rapazes e uma rapariga, com as mãos sobre os ombros uns dos outros, sentados num banco diante de várias mesas compridas onde se amontoavam fragmentos de cerâmica e pedaços de rochas, alguns dos quais aparentavam ter sido esculpidos. Para lá das mesas estendia-se uma área de terreno pontilhada por alguns arbustos e umas poucas árvores, antes de a encosta de uma colina se começar a desenhar na distância. O rapaz à esquerda da imagem tinha feições morenas e cabelo ondulado, complexão sólida e vestia calças e botas. Ao lado dele estava a rapariga, também de cabelo escuro, com feições igualmente gregas, e à sua direita sentava-se um rapaz mais alto, de cabelo louro, com óculos. Os três estavam a sorrir e eram claramente amigos. Olhou mais atentamente para a rapariga e soltou uma curta exclamação de surpresa.

— É ela! É a Eleni. — Levantou os olhos e viu que Dieter lhe estava a sorrir.

— A sua avó. Está a ver, tinha razão no que lhe dizia.

Anna tocou o ecrã, hesitante, com as pontas dos dedos, afastando-as para aumentar a imagem e poder ver melhor a sua avó. O grão da imagem aumentou, mas continuava suficientemente clara para identificar Eleni pela semelhança com um punhado de fotografias que tinha visto quando visitara a casa onde Eleni vivera antes de se mudar para casa da mãe de Anna. Na verdade, tinha a vaga impressão de já ter visto algures aquela mesma fotografia, e puxou pela memória tentando recordar-se onde. Perguntas atrapalhavam-se umas às outras na sua mente.

— Quem são os outros? Onde foi tirada a fotografia, e por quem?

— Uma questão de cada vez, por favor! — Dieter recuou na cadeira, afastando-se da intensidade do olhar dela. Anna respirou fundo para se acalmar e deixá-lo prosseguir. Dieter apontou o rapaz mais alto.

— Este é o meu avô, Peter Muller. Na altura tinha dezasseis anos. A sua avó era um ano mais nova. O outro rapaz, Andreas Katarides, com dezassete anos, era o mais velho. Eram amigos de Peter, e eram de Lefkada. Foi lá que a expedição arrendou uma casa enquanto prosseguiam com a busca do palácio de Ulisses. A sua avó era filha do inspetor da polícia local, e Andreas era filho de um poeta que se tinha mudado para a ilha. Spyridon Katarides. Provinha de uma família abastada de Atenas, mas fugiu com uma das empregadas. Tiveram um filho, Andreas, mas a mãe morreu ao dar à luz. A família ficou furiosa e deserdou Katarides. Todos à exceção de um tio que lhe enviava uma mesada confortável, permitindo-lhe viver e criar o filho. Quanto a quem tirou a fotografia, foi o meu bisavô. Tirou-a no local da escavação principal na ilha. Espere, vou mostrar-lhe mais algumas.

Dieter arrastou mais uma vez o dedo pelo ecrã e Anna viu mais fotografias a preto-e-branco, algumas das quais mostravam a paisagem da ilha, outras os habitantes, campónios vestidos de forma rústica, aldeões, pescadores, umas quantas imagens de ruínas, e depois um punhado de imagens de soldados alemães com gorros de montanha, com uma flor branca num dos lados. Uma fotografia em particular chamou-lhe a atenção.

— Espere! — interrompeu Anna. — Não é ele, o seu avô? Recue uma. Aí.

Tinha um pé pousado sobre uma rocha, em pose, de mãos nas ancas. O casaco estava desabotoado, revelando uma camisa branca, sem colarinho. Aos seus pés tinha uma mochila e um cinturão, ao qual estava ligado um coldre de couro. Por trás das lentes dos óculos, enfrentava o sol com os olhos semicerrados. Mas o rosto permanecia essencialmente inalterado, talvez um pouco mais cheio, considerou ela.

— Foi tirada durante a guerra?

Dieter anuiu. — Depois de se ter alistado no Exército. O pai dele foi obrigado a abandonar a ilha depois de as autoridades alemãs lhe terem ordenado que regressasse à pátria e abandonasse a escavação. Isso foi em 1938. Tinha esperança de que a crise passasse e pudesse regressar ao trabalho. Nunca o consegui. Morreu durante um raide aéreo em 1943.

Anna sentiu-se pouco à vontade e murmurou: — Lamento.

— Não tem por que se lamentar. Não teve nada a ver com isso. Foi a guerra. Seja como for, o meu pai, como quase todos os jovens, foi recrutado. Foi selecionado para a escola de oficiais e prestou serviço

num regimento de artilharia. Essa fotografia foi tirada na Grécia, em Lefkas, na verdade. Foi lá colocado temporariamente, para servir como intérprete.

Os olhos de Anna esbugalharam-se. — Ele voltou à ilha? Voltou a encontrar Eleni e — tentou recordar-se — Andreas?

Dieter pareceu estremecer, depois esboçou um sorriso triste e acenou com a cabeça.

— Deve ter sido difícil, para todos eles.

— Tinham-se tornado inimigos, embora não o desejassem. — Dieter olhou para a fotografia do seu avô. — Foi uma época terrível, quer para os Gregos quer para os Alemães. Os diários do meu avô não são de leitura fácil. Nunca falou da guerra, nem a mim nem ao meu pai. Não sabia nada do seu tempo de serviço até ele morrer e eu ter vasculhado os seus papéis e os arquivos da Wehrmacht. — Voltou a passar as fotografias, regressando à primeira. — É assim que prefiro recordá-lo. E, no seu diário, ele diz que foi quando se sentiu mais feliz. Gostava de saber mais sobre essa época. Ainda que, estritamente falando, a minha pesquisa se prenda mais com o período anterior. E era por isso que gostava de entrevistar a sua avó. Para ver o que ela recorda das escavações. Especialmente, onde foi tirada esta fotografia. Tentei localizá-la quando explorei a ilha, mas, até agora, não tive sorte. — Desligou o *iPad* e devolveu-o ao interior da mochila, antes de voltar a dirigir-se a Anna.

— Gostava de lhe pedir que falasse com a sua avó e tentasse que ela me recebesse.

Anna franziu os lábios. — Posso perguntar-lhe. Mas devo dizer-lhe que ela ainda olha para o tempo da guerra como algo imperdoável.

— Compreendo. Mas não sou o meu avô. A minha geração olha para essa época com horror. E com vergonha pela mancha que deixou na reputação da Alemanha. Por favor, explique-lhe isso. O meu bisavô era igual. Desprezava os nacional-socialistas. E adorava Lefkas e as suas gentes, e acima de tudo a história da Grécia. Se tanto, é a sua reputação que eu espero recuperar quando terminar a minha tese. Podia ter-se tornado um dos maiores arqueólogos do seu tempo, ou de qualquer época. Acredito que estava prestes a fazer grandes descobertas. Se ao menos tivesse vivido o suficiente para poder regressar ao seu trabalho na ilha... — Dieter esboçou um sorriso encabulado. — Desculpe. É um fardo que carrego. Não devo impor-lho. Já lhe pedi demasiado. Bom! — Endireitou-se na cadeira e pegou na ementa. — Vamos comer. É minha convidada. A conversa

profissional está acabada. Vamos falar de outras coisas durante a refeição, a menos que me queira perguntar algo mais?

Anna riu, comovida pela sua amabilidade. — Talvez. Veremos. — Ergueu o seu copo. — Que tal um brinde?

Dieter sorriu e levantou também o seu copo. — A quê?

Anna pensou por instantes. — Ao curar de velhas feridas. E ao destapar do passado!